

REVISTA

LIBERTÁRIA

NOV/DEZ/84 Nº1 CX. POSTAL 11.277-SP





apresentação

A Revista Libertária tem como objetivo a publicação sistemática de textos e propostas que ajudem a interpretar o momento atual, visando "armar" - no bom sentido - a militância libertária.

Como visa o debate, não vê nenhuma contradição em editar textos conflitantes à respeito de um mesmo assunto.

Aceita portanto, a colaboração de todas correntes socialistas, anarquistas, autonomistas, coletivistas, marxista-libertárias, desde que tenham sempre como semente o conceito libertário.

Aceita ainda colaboração para divulgação e distribuição, basta entrar em contato com quem lhe vendeu a revista.

Neste número:

- As nossas Centrais Sindicais
- Os movimentos periféricos ao poder
- Bakunin: Crítica ao Estado Marxista
- O Amor Livre

DIVULGUE O SOCIALISMO LIBERTÁRIO!



CUT E CONCLAT

O escritor russo Leon Tolstoy, escreveu além dos grandes romances, textos e críticas sociais que, no Brasil, são completamente desconhecidos. Um dos raros textos aqui publicado foi "A INUTILIDADE DAS LEIS", onde mostra o absurdo de certas legislações de seu tempo, infelizmente ainda atuais.

Outro escritor que tocou nesta mesma tecla foi o poeta libertário Martins Fontes, que narrou as tragédias legais do Brasil e do mundo.

Hoje, se estes dois escritores dessem uma olhada na nossa legislação trabalhista ficariam ainda mais horrorizados. Por exemplo, a lei sobre aposentadoria. Vivemos num país onde a esperança de vida é de aproximadamente 57 anos e, em média, nos aposentamos com 57 anos. Isto quer dizer que em média, o Estado fica com toda nossa contribuição para a aposentadoria dada obrigatoriamente ao longo de toda nossa vida como trabalhador.

No Brasil, um aposentado paga aposentadoria!

Outra tragédia é o fato que temos um salário mínimo (irreal) garantido por lei, mas, cerca de 40% dos trabalhadores brasileiros ignoram o que é isso.

Diante desse quadro, agravado por uma crise que promete levar o 3º mundo para o 4º mundo, o trabalhador brasileiro tenta se reorganizar a duras penas. Já na década de 20, com o presidente Arthur Bernardes, os Sindicatos Livres foram duramente reprimidos e, mais tarde, destruídos pela legislação fascista de Getúlio Vargas. Isso deixa claro que nada podemos esperar dos legisladores, dos parlamentares. Basta dizer que a bancada paulista na Câmara Federal (55 deputados) aprovou entre 79-82, 9 leis, dentre elas, o Dia Nacional do Rotary Club.



Hoje, no movimento sindical brasileiro, duas iniciativas têm grande interesse, a criação das Centrais Sindicais: CUT e CONCLAT.

CONCLAT

A CONCLAT não apresenta nenhuma novidade, é a tentativa de estruturação de sindicatos, federações e confederações legais controladas política e financeiramente pelo Governo Federal e apoiados pelos pelegos, comunistas e alguns partidários do PTB, que não querem largar de jeito nenhum esta incrível máquina de votos e de muito dinheiro fácil. O bloco comunista (PCB, PC do B e MR-8) quer esta boca rica, por isso aliancia e troca figurinhas com a direita, organizados na tal de UNIDADE SINDICAL.

Repare bem, qualquer panfleto onde tem o título "UNIDADE", tem no meio um comunista e um pelego "inexplicavelmente" juntos. É isso que os PCs querem da direita, mas o que deixa todo mundo preocupado é o que eles estão dando em troca. Omissão? Docilidade? Ao que parece sim, pois dentre outras coisas fazem o papel de segurar qualquer iniciativa que provoque o conflito entre classes. Inacreditavelmente, o PC já fazia isso antes de 1946, na Assembléia Constituinte - portanto na legalidade - quando defendeu o sindicato tutelado pelo Estado com imposto sindical e tudo. Enfim, é a estranha aliança com a "burguesia progressista", coisa bolada por Karl Marx, que já vem de longa data e promete continuar por muitos anos.

Quem não se lembra da chegada dos líderes comunistas Hércules Correa, Tenorinho e o falecido Gregório Bezerra, que meia hora depois de chegarem do exílio, já estavam na mesa do Sindicato dos Aeroviários com o arqui-pelego Joaquim dos Santos Andrade? Justiça seja feita, Gregório Bezerra também estava assustado.

O resultado daí, os PCs já têm depois de quase meia década, alguns carguinhos no mais rico sindicato do país, o do Metalúrgicos de SP.

Enfim, desse mato tão cedo não sai coelho, afinal foi deles a idéia de fazer o último 1º de Maio no CERET em SP no mesmo lugar onde o Maluf fazia o dele, substituindo a tal de "luta de classes" pelo futebol feminino. Foi o 1º de Maio mais humilhante que já tivemos.

C U T

A outra iniciativa é a construção da CUT-Central Única dos Trabalhadores, que surgiu dos setores mais combativos do movimento dos trabalhadores, e é dominada pelo PT e a Igreja Católica. Congrega várias tendências sociais e quase todos os setores combativos nesta luta de classes. Infelizmente tem defeitos que podem ser corrigidos desde que se consiga uma coisa que não é tão fácil assim a sua democratização.

A CUT é formada também por sindicatos subordinados ao Ministério do Trabalho e alguns grupos de Oposição Sindical.

Financeiramente, a CUT é sustentada por 1% da arrecadação das mensalidades de cada trabalhador filiado nas entidades que podem filiar-se à ela, ou seja, sindicatos, associações, federações e confederações. É o grave defeito da "adesão ditatorial" - como bem definiu um companheiro anarquista - se o seu sindicato é da CUT você na marra contribui para a CUT, se é da Conclat a sua grana vai para a Conclat. Não tem opção de aderir à esta ou àquela ou ainda a nenhuma.

Os argumentos dos grupos que defendem esta situação são vários. Vão desde os ingênuos que pregam a necessidade de "usar este enorme patrimônio que afinal é dos trabalhadores" - mas que também é do Estado, pois a estrutura atrelada permanece - até argumentos "safados" como "...a classe não está preparada para a luta direta, está desorganizada, etc ..."

As greves de S. Bernardo, FIAT do Rio e, recentemente os bôias-frias de Guariba e nos canaviais de Pernambuco mostram que está mais preparada do que a seleção olímpica falta só as "lideranças" pararem de atrapalhar.

Estes argumentos também são utilizados para escamotear algumas verdades como a malandragem da existência (nos congressos da CUT) dos delegados das diretorias e os delegados de base. Afinal não é todo mundo da base? Se um cara foi eleito diretor pela base porque ter medo ou se diferenciar dela?

Na verdade, a delegação de um elemento pela diretoria restringe a briga à acordo de grupos e, a delegação pela base exige a representatividade perante os companheiros de trabalho.

A CUT e a Conclat estruturaram-se sobre o sindicalismo oficial, num país onde o índice de sindicalização está entre 10 à 15%, deixando-se ao "Deus dará" cerca de 90% dos trabalhadores brasileiros.

Apesar das boas intenções que afinal existem, todos fazem o jogo de Getúlio Vargas, aliás de seu inspirador, Benito Mussolini e sua "Carta del Lavoro".

A única saída, queiram ou não, é a filiação individual e espontânea de cada trabalhador à CUT. Isto acarretaria a igualdade de poder para cada um de seus membros, democratizando a estrutura e implicaria na independência econômica e política em relação ao governo militar. Afinal a grana não é tanta assim. Jair Meneguelli declarou num debate no Sindicato dos Metroviários de SP, que a CUT deve cerca de 40 milhões, só não disse para quem, diante de uma platéia estupefata.

A filiação individual e espontânea tornaria a CUT uma central sindical LIVRE, palavra proibida hoje em toda esquerda brasileira.

CONTRA QUEM SE LUTA

Não aceitamos as imposições dos sindicalistas profissionais (aqueles que se julgam "capazes" de falar em nome ou pelos trabalhadores apenas porque se respaldam num cargo de diretor, assessor, etc). Esse mal não é privilégio do PC, PTB ou do PDS, tem também no PT e no PDT.

Somos contra alguns setores da Igreja Católica que inacreditavelmente reinam na direita, centro e esquerda da política brasileira e que, decididamente não querem na da além de um capitalismo mais humano e uma reforma agrária que não mexa com seus enormes latifúndios.

Infelizmente lutamos contra os conceitos marxistas-leninistas que vêm no sindicato não um organismo de luta de classes, mas sim um local de recrutamento de filiados para fortalecimento do partido. Nas teses marxistas-leninistas a luta pela transformação econômica não se dá no campo econômico, no local de trabalho. Ela ocorre através do organismo político, o partido. Por isso, quando você está no seu local de trabalho, distribuindo o panfleto do sindicato, o Marxista-leninista está vendendo o jornalzinho do partido dele. Ele sabe que você levará o companheiro para a assembléia. São resta para ele "dar a direção" do trabalho que você, MASSA, faz muito bem.

A organização dos trabalhadores se dá sempre em seu local de trabalho, pois a liberdade real implica em não ser representado, abandonando tudo aos eleitos, mas, procurar lutar socialmente por si mesmo, através da organização federada.

Portanto ou se briga dentro da CUT por estes pontos mínimos ou continuaremos na base do cada um por si e Deus (que não existe) contra todos nós.

- . POR UMA CUT LIVRE E DESATRELADA DO MIN. DO TRABALHO
- . PELA FILIAÇÃO INDIVIDUAL
- . PELA ADESÃO ESPONTÂNEA DE CADA UM DE NÓS
- . CONTRA A UNIDADE COM OS PELEGOS
- . CONTRA TODAS AS DITADURAS
- . POR UMA CUT SOCIALISTA!



Algumas observações sobre a concepção libertária de mudança social

Rudolf de Jong

Fui convidado a preparar um documento sobre "movimentos pré-políticos em áreas periféricas". Acontece que trabalho no Departamento de Estudos sobre Anarquismo, Espanha e América Latina, razão pela qual iniciarei este documento fazendo algumas observações críticas e paradoxais.

1) Se realmente desejamos focalizar nossa atenção nas "áreas periféricas" e nos problemas dos grupos e pessoas que vivem em tais áreas, se desejamos contribuir para sua emancipação, teremos que abandonar o hábito de considerar estas áreas e seus habitantes como "periféricos".

2) Quando nos referimos aos "movimentos pré-políticos", nosso quadro de referências não é a própria área periférica mas um centro. O termo "áreas periféricas" implica na existência de um centro e ou sistemas centrais que dominam tais áreas. O que é "pré-político" aos olhos de um centro, é em geral puramente político – sendo, como é, baseado no senso comum e nas experiências diárias vistas desde o ângulo das "áreas periféricas". O que é considerado pelo centro como um processo político "normal" muitas vezes é experimentado como opressão pelos habitantes das "áreas periféricas".

3) A situação "periférica" de uma área é criada; é o resultado da exploração por outra área, isto é, o centro.

As conhecidas teorias sobre o "desenvolvimento do sub-desenvolvimento" e colonização interna, os estudos feitos por A. Gunder Frank, R. Stavenhagen e muitos outros mudaram a orientação do cientista social. Eles focalizaram a atenção sobre o caráter desta relação entre o centro e a área periférica e sobre a necessidade de emancipação destas áreas através da destruição da dominação exploradora do centro.

O primeiro problema que temos que enfrentar em relação a este ponto é: o que é exatamente uma área periférica, uma situação periférica, um grupo periférico?

"Todos os casamentos felizes são iguais, todos os casamentos infelizes são diferentes" é a famosa frase que inicia a novela *Anna Karenina de Tolstoi*. Parafraseando Tolstoi poderíamos dizer: todos os centros são iguais, todas as áreas periféricas são diferentes. É claro que não é verdade que todos os centros – ou casamentos felizes – sejam completamente iguais. Não obstante, todos os centros apresentam características comuns é o mesmo tipo de desenvolvimento: modernização baseada na tecnologia, urbanização, a mesma concepção de crescimento, grandes instituições inevitavelmente ligadas

a burocratização, alienação e despersonalização, dominação do meio ambiente e de áreas periféricas. Vistas do ponto de vista do centro, todas as áreas periféricas apresentam o mesmo problema: seu ajustamento ao centro.

As áreas periféricas são sempre pluriformes e diferem umas das outras. No caso da maior parte das comunidades indígenas da América Latina, por exemplo, cada comunidade é um universo em si, tem sua identidade própria, difere das vilas vizinhas. Entretanto, sua relação com o centro é mais ou menos a mesma para todas elas. Mas o que é que estas comunidades indígenas têm em comum com as tribos indígenas do Amazonas que tentam evitar qualquer contato com o mundo moderno, com as multidões da velha cidade, com os povoados "pueblos" e vilas da Andaluzia e da Sicília ou com o Lumpemproletariado, para que todos sejam considerados periféricos? O problema se complica ainda mais pelo fato de algumas áreas ou grupos sociais poderem apresentar um caráter periférico bem como bem como um caráter central. A multidão cidadina, descrita em *Os rebeldes primitivos* de Eric Hobsbawm é um bom exemplo. Dentro da cidade a multidão era considerada periférica pelas autoridades e pela corte mas, ao mesmo tempo, fazia parte da cidade e lucrava com a exploração dos camponeses periféricos e com a exploração do campo conduzida pela cidade.

De acordo com as teorias sobre colonização interna que mencionei, os centros nacionais nos países em desenvolvimento, são considerados periféricos por centros internacionais como Nova Iorque e Washington, que dominam e exploram estes países. Fica claro que o caráter periférico de uma área depende de suas relações com outras áreas.

Para o presente documento diz uma tentativa de classificar os diferentes tipos de relações centro-periferia, sem visar esgotá-las. Como veremos, diversos grupos sociais se ajustam, nesta classificação, em mais de uma categoria. Quando uso a palavra "área" refiro-me a um conceito social, mais do que a um geográfico.

A. Culturas e sociedades completamente estranhas e distantes do centro, de modo algum "integradas", selvagens" aos olhos do centro. Seu destino é muitas vezes a destruição completa, após entrarem na órbita do centro. Na nossa época, os índios do Amazonas são um exemplo trágico.

B. Áreas periféricas relacionadas ao centro e pertencendo a estruturas políticas e sócio-econômicas que tentam, ao mesmo tempo, manter suas identidades. São dominadas pelo centro, ameaçadas em sua existência pela expansão econômica deste. Pelos padrões do centro são "atrasadas", subdesenvolvidas e "marcam passo" (lagging behind). As comunidades indígenas do México e dos países andinos são bons exemplos. Outros exemplos nesta categoria - talvez devêssemos falar de um sub-grupo B. 1 - são pequenos produtores, trabalhadores especializados e camponeses ameaçados em sua existência econômica e social pelo progresso do centro e que ainda lutam por sua independência. Barrington Moore descreve estes movimentos anti-capitalistas como "o lamento de morte de uma classe que está para ser coberta pela onda do progresso".

C. Classes econômicas ou mesmo sistemas sócio-econômicos que costumavam pertencer a um centro, mas que voltaram a uma posição periférica após inovações tecnológicas e desenvolvimentos sócio-econômicos no centro. Exemplos destes casos são: o Lumpen-proletariado, vítima da revolução industrial, o exército de pessoas permanentemente desempregadas durante a Depressão nos anos trinta e os habitantes de áreas que suprem um mercado mundial que mudou, tais como as *plantations* no Nordeste do Brasil e na região das Caraíbas. A "onda do progresso" já deixou sua marca nestes povos.

D. Classes sociais e grupos que fazem parte de um centro num sentido econômico, mas são periféricos num sentido social, cultural e/ou político: as classes trabalhadoras, o proletariado em sociedades industriais emergentes.

E. Grupos marginais e sub-culturais que não desempenham um papel econômico ativo dentro do centro: jovens, estudantes, artistas, intelectuais, boêmios e "elementos não-integrados" (*drop-outs*)

F. Relações centro-periféricas de natureza política, seja entre estados ou dentro deles: relações coloniais e imperialistas, relações capital versus província, etc. Tais relações políticas no sistema capitalista desenvolvem-se paralelamente às relações econômicas mencionadas acima – ou se preferirem: sub-grupo F.1, dominação neo-capitalista, colonização interna e exploração.

Resumindo podemos dizer que as áreas periféricas são áreas que são dominadas por um centro. É o centro que cria esta relação. Movimentos pré-políticos e políticos em tais áreas têm como objetivo mudar esta posição subordinada. Os movimentos-políticos bem sucedidos nas áreas periféricas têm resultado na emergência de estados nacionais independentes, o processo de formação nacional com suas implicações culturais e econômicas.

No final do século XIX, a grande maioria dos historiadores e cientistas sociais pensavam que o centro mundial era formado pelo noroeste da Europa, ou, em termos mais científicos, pelas sociedades industriais, comerciais, liberais e capitalistas do Atlântico Norte. O "resto" do nosso planeta era considerado mais ou menos periférico e mesmo atrasado, e o grau de atraso era medido pelos padrões do centro europeu noroeste.

Nosso século testemunhou um processo de emancipação. A idéia de que a Europa ou as sociedades do Atlântico Norte são o centro do mundo desapareceu, não só na América Latina, África e Ásia, mas mesmo na própria Europa. Entretanto, o processo de emancipação do Terceiro Mundo outrora periférico, resultou na formação de muitos sistemas centrais novos e não na criação de uma nova relação – baseada na igualdade e não na exploração – entre os centros e as áreas periféricas. Mesmo povos cômicos da "identidade de sua sociedade nacional, de seu desenvolvimento e identidade histórica específicos e únicos, negligenciaram os aspec-

tos periféricos de seu desenvolvimento. Um exemplo ilustrativo é dado pelo livro clássico de Gilberto Freyre, "Casa Grande e Senzala". A importância deste livro para a criação de uma perspectiva *brasileira* com relação à história, à sociedade e à cultura deste país, para a criação da nação brasileira, já foi comparada com o papel da revolução mexicana na sociedade daquele país⁴. Mas Freyre não se interessa pela famosa república negra dos Palmares (só a menciona duas vezes em notas de rodapé). A sociedade negra livre permanece tão periférica na perspectiva centrada no Brasil quanto na perspectiva centrada na Europa.

O mesmo se aplica às revoltas indígenas e a outros movimentos periféricos passados e presentes nas partes de língua espanhola da América Latina. O sistema central do século XIX, dominado pelas sociedades do Atlântico Norte, está sendo substituído por um sistema multiforme de relações centro-periféricas que não contribui para a emancipação de grupos e áreas periféricas.

O que está ocorrendo numa escala mundial – a emergência de muitos sistemas centrais e nacionais – aconteceu igualmente na própria sociedade norte-atlântica, onde surgiu uma subcultura de trabalhadores. As organizações de trabalhadores, por muito tempo consideradas como periféricas, estão agora sendo aceitas como um centro – entre muitos – de poder e política. Mas por muitos anos outros aspectos tradicionais do movimento trabalhista, tais como a ação direta, a auto-organização, a solidariedade, o auxílio mútuo e toda a história e a ideologia anarquistas permaneceram, curiosidades históricas pré-políticas, periféricas e fracassos históricos. Os movimentos pré-políticos em áreas periféricas são aqueles movimentos que:

- a) tentaram preservar suas identidades;
- b) recusarem-se a criar novas formas de relações centrais-periféricas; e
- c) têm sido medidos sem êxito pelos padrões políticos de poder.

Durante muitos anos o princípio orientador dos estudos destes movimentos foi "flores para os rebeldes que fracassaram". Hoje há uma consciência crescente de que estes estudos fornecem pistas importantes não só para a compreensão do passado ou das áreas "atrasadas", mas também de nossa sociedade e nosso futuro. Em anos recentes aumentou muito o número de cientistas sociais da Espanha e da América Latina – antropólogos culturais bem como historiadores que vieram estudar a coleção histórica sobre o anarquismo do Instituto, para obter uma melhor percepção da natureza interna das presentes estruturas sociais e problemas de vilas, movimentos camponeses, etc. Além disso, muitas pessoas interessadas e envolvidas em experiências e lutas anti-autoritárias desde a década de 60, passaram a estudar a perspectiva libertária na história do socialismo.

Neste documento concentrarei minha atenção na tradição anarquista, porque o anarquismo é uma ideologia que se recusa a criar novos sistemas centrais com novas áreas periféricas. Minha intenção é comparar as atitudes marxista e anarquista em relação aos problemas e relações centro-periféricas, especialmente em relação ao processo de mudança social. Os revolucionários marxistas, os reformistas sociais e em geral, a maioria dos esquerdistas querem usar o centro como um instrumento – e na prática como o instrumento – para a emancipação da humanidade. Seu modelo é sempre um centro: estado, partido ou exército. Para eles a revolução significa em primeiro lugar a tomada do centro e de sua estrutura de poder, ou a criação de um novo centro, para utilizá-lo como um instrumento para a construção de uma nova sociedade. Os anarquistas não desejam tomar o centro; desejam sua destruição imediata. É sua opinião que depois da revolução dificilmente haverá lugar para um centro na nova sociedade. A luta contra o centro é seu modelo revolucionário e em sua estratégia os anarquistas tentam evitar a criação de um novo centro.

“Conquistaremos não de modo-a que possamos seguir o exemplo dos anos passados e entregamos nosso destino a algum novo senhor, mas para tomá-lo em nossas próprias mãos e conduzir nossas vidas de acordo com nossa concepção de verdade”¹; declara uma das primeiras proclamações do movimento anarquista Makhno da Ucrânia durante a revolução russa. Estas palavras expressam o credo anarquista corrente e pareceriam expressar o credo de todos os movimentos em áreas periféricas.

O MOVIMENTO ANARQUISTA

O anarquismo como movimento nasceu na época da Primeira Internacional. Depois da cisão desta organização que se seguiu ao congresso realizado em Haia em 1872, a maioria da Primeira Internacional declarou sua adesão ao conceito libertário de luta revolucionária e de estratégia a ser seguida.

Até a Primeira Guerra Mundial o anarquismo, em suas diferentes formas, era uma das principais forças no movimento trabalhista internacional. Havia baluartes nos países “latinos” da Europa e entre os trabalhadores imigrantes europeus na América do Norte e do Sul. Minorias ou idéias anarquistas desempenhavam um papel mais ou menos importante em quase todos os países onde haviam surgido movimentos trabalhistas ou socialistas.

Com o início da Primeira Guerra Mundial – mesmo antes – o anarquismo declinou rapidamente em muitos países, excepto na América Latina e na Península Ibérica, onde continuou a desempenhar um papel importante até o fim dos anos 20 e o fim da Guerra Civil Espanhola, respectivamente. Foi apenas na Espanha que o anarquismo atraiu grandes massas de trabalhadores e só ali que o movimento desempenhou um papel decisivo na história do país, atingindo seu clímax na revolução social durante a Guerra Civil.

É difícil dar uma boa definição de anarquismo.

Na minha opinião anarquismo é a luta por uma sociedade socialista aberta e universal, auto-controlável e auto-dirigida, uma sociedade na qual a autoridade coercitiva é substituída por um processo de tomada de decisões que não dá lugar a alienação entre o indivíduo e as decisões tomadas. Por socialismo entendo a realização dos ideais da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

Termos como "autócontrolável" e "autodirigida", etc. indicam a oposição explícita do anarquismo contra o Estado, mesmo em suas formas parlamentares e representativas e sua recusa em participar numa política "normal" - isto é, de centro. (de poder *)

Muitos observadores têm sugerido uma semelhança muito grande entre o anarquismo e formas pré-políticas mais tradicionais de democracia direta, tais como o Mir russo, o pueblo espanhol, as guildas das cidades medievais, as comunidades indígenas nos Andes, etc. Esta semelhança deu origem a algumas críticas bastante injustas. Primeiro, os críticos do anarquismo não tomaram a oposição anarquista ao estado como tal muito seriamente, porque os anarquistas pareciam defender estes órgãos de decisão mais antigos que guardavam semelhança com órgãos "estatais", o que de fato faziam. O que os críticos não compreenderam foi que os anarquistas opunham-se ao estado *nacional* devido a sua estrutura autoritária inerente, que resultava na alienação e na falta de controle por parte dos pobres. Uma estrutura deste gênero nunca existiu nas comunidades e instituições mencionadas. Em segundo lugar, os críticos tomaram o interesse dos anarquistas nas formas de democracia direta como evidência de que o anarquismo era - para usar os termos desta conferência - um movimento pré-político numa área periférica. Entretanto, o anarquismo aventurou-se a introduzir órgãos auto-controláveis e auto-dirigidos na *sociedade industrial moderna*: controle pelos trabalhadores, sindicalismos, etc.² Os problemas de escala, coordenação e mudança que surgem desta concepção de democracia direta foram reconhecidos pela maior parte dos escritores anarquistas - embora algumas vezes negligenciados no movimento. O fracasso em resolver estes problemas está por trás da análise do declínio de órgãos auto-dirigidos com as guildas e outros, feita por Kropotkin.³ O que é característico na concepção anarquista é a ênfase posta na solidariedade, internacionalização, responsabilidade, educação, ou, em outras palavras, a criação do *trabalhador consciente* pronto para enfrentar e resolver os problemas que o confrontam.

É por esta razão que incluí as palavras "aberto e universal" na minha definição de anarquismo. Elas indicam o significado da "idéia" e sublinham a diferença com as formas antigas - e fechadas - de democracia direta.

Desde que Gerald Brenan publicou o seu *Labirinto Espanhol*¹⁰, todos os historiadores passaram a enfatizar o significado da Idéia no movimento anarquista espanhol. Esta Idéia foi muitas vezes considerada como um elemento arcaico, um substituto para a feli-

gião. Mas, ao contrário, ela foi algo novo e envolvia uma ruptura com o passado. O trabalhador consciente tinha em mente não só a comunidade autônoma; mas também *A Internacional*.

Fica claro pelo que foi dito anteriormente que não considero o anarquismo espanhol – ou qualquer outra forma de anarquismo – como um reflexo de atraso. As pessoas que têm este ponto de vista devem ter concentrado a maior parte de sua atenção no anarquismo andaluz e negligenciado ou distorcido, o fato de que o movimento anarquista em Barcelona ou na Catalunha industriais – o centro da Espanha moderna – era tão forte quanto na Andaluzia, desde a Primeira Internacional até 1939. Um dos argumentos usados para distorcer o anarquismo catalão era que a ideologia não era indígena mas que, em vez disso, teria sido introduzida por trabalhadores imigrantes vindos do sul da Espanha – os “murcianos”; outro argumento era de que o anarco-sindicalismo catalão não era uma forma “pura” de anarquismo, mas algo entre o anarquismo “verdadeiro” e o sindicalismo “moderno”. O primeiro argumento tem sido popular entre os nacionalistas catalães, relutantes em admitir a existência de um forte movimento anarquista nativo. Na realidade, o anarquismo catalão surgiu na época da Primeira Internacional e teve suas raízes em organizações muito mais antigas de trabalhadores catalães. Também não é verdade que os principais baluartes do anarquismo militante no sul da Espanha fornecessem muitos trabalhadores imigrantes. De qualquer modo a Catalunha não era a única parte moderna da Espanha a conhecer movimentos anarquistas. Outros baluartes eram Valencia (cidade e “país”) com sua agricultura de exportação, as cidades da Galícia e as Astúrias.

Em vista disso, o segundo argumento foi também refutado. Vejo o anarco-sindicalismo como a expressão das atividades anarquistas entre os trabalhadores industriais. O anarco-sindicalismo surgiu na Espanha, assim como em outros lugares, como um movimento, porque muitos anarquistas acharam que o comunismo anarquista de Kropotkin era inadequado para resolver os problemas da sociedade moderna e demasiado otimista sobre a reorganização libertária da sociedade após a revolução, que Kropotkin acreditava ser um problema fácil de solucionar. Num certo sentido o anarco-sindicalismo era um renascimento da estratégia de Bakunin para conectar a luta diária com a luta revolucionária. Em sua orientação, perspectiva e estratégia o anarco-sindicalismo permaneceu totalmente anarquista. O anarco-sindicalismo espanhol teve, mais do que na França, suas origens no movimento anarquista e nas idéias anarquistas.

Outro aspecto interessante do anarquismo andaluz é que pesquisa recente feita por historiadores e antropólogos¹⁴ culturais mostrou que a emergência do movimento anarquista na Andaluzia foi o resultado de mudanças sócio-econômicas que ocorreram no curso do século XIX e que levaram à modernização e comercialização do sistema de latifúndio e, conseqüentemente, a menos trabalho, menos “Assistência social”¹⁵ e menos terra para os trabalhadores. O

aspecto de "lei e da ordem" desta mudança é representado pela *Guardia Civil*, o aspecto político reflete-se no surgimento do sistema de caciquismo, sob o qual o *establishment* local e a opressão tornaram entrelaçados com o sistema político nacional. " Ao agir como uma força reativa neste contexto, o movimento anarquista desenvolveu uma nova ideologia, uma nova consciência. Voltarei a este processo de "criar algo novo no processo de reação" porque parece-me que este é um fenômeno mundial com grande relevância para o nosso tema.

Quando dirigimos nossa atenção aos movimentos revolucionários e anarquistas em outros países reconhecemos o mesmo quadro da Espanha: anarquismo nas cidades, centros industriais e em áreas agrícolas. Na França e na Alemanha o anarquismo floresceu nas grandes cidades industriais. Na Itália as grandes cidades da província - na Romagna, em Ancona, em Carrara - eram os principais bairros; na Holanda e na Suécia eram as capitais e as áreas agrícolas e florestais. Na América Latina os anarquistas tinham uma posição forte em grandes cidades da região do Prata, especialmente em Rosário - " a Barcelona da América Latina " - com sua moderna estrutura industrial. " No México tanto a ideologia agrária como os zapatistas sofreram uma pronunciada influência anarquista. Nos Estados Unidos houve um forte movimento anarquista proletário entre os trabalhadores que eram imigrantes (italianos, espanhóis e judeus da Europa Oriental) e entre os trabalhadores da IWW (Industrial Workers of the World) nas áreas de "fronteiras", (frontier areas), bem como uma tradição libertária e intelectual forte, baseada na pequena comunidade auto-suficiente e no individualismo americano. Na Rússia o movimento agrário Makhno sofreu grande influência do anarquismo e na Bulgária a influência anarquista também se concentrava nas áreas agrícolas. Como se pode ver é muito difícil fazer qualquer generalização.

Muitas vezes o anarquismo é explicado por outros fatores além dos sócio-econômicos, como a estrutura de personalidade do indivíduo que é anarquista e outros fatores psicológicos. Mas uma abordagem psicológica não serve para responder a questão de porque o anarquismo deveria ter desaparecido. Ao tentar responder a esta questão gostaria de voltar mais uma vez a minha definição. Acho que a existência ou não de movimentos anarquistas ou anarco-sindicalistas tem alguma relação com a questão de se, na consciência popular está desaparecendo a possibilidade de que grupos auto-controlados tenham sido ou sejam uma possibilidade *realista* para formar e manter grupos autônomos de indivíduos conscientes. Embora exista "um elo" com o desenvolvimento sócio-econômico - mais alienação implicando menos anarquismo - a conexão é apenas indireta; o crescimento do aparato estatal, da guerra e da militarização é pelo menos tão importante como o aumento de relações econômicas alienadas de trabalhadores entre si e entre trabalhadores e seu trabalho.

A opinião popular de que o anarquismo é uma forma "primitiva" de movimento trabalhista e por esta mesma razão permaneceu

forte na Espanha atrasada depois que o moderno socialismo e comunismo já tinham feito sua entrada em outros lugares, não tem, absolutamente, nenhuma validade geral.

No norte da Europa – Alemanha, Suécia e Holanda – o anarquismo emergiu *depois* e como uma reação ao reformismo marxista dos partidos socialistas em crescimento. Na Espanha o desenvolvimento de um movimento socialista ou anarquista dependeu da região e não da época. Na Catalunha o sindicalismo reformista e socialista – organizado em Los Tres Clases de Vapores – já se desenvolvera plenamente *antes* da ascensão da CNT anarco-sindicalista.

O anarquismo declinou depois da Primeira Guerra Mundial¹⁹¹⁴⁻¹⁸ devido a influência desta, da Depressão e dos regimes totalitários dos anos 30, da Segunda Guerra Mundial¹⁹³⁹⁻⁴⁵, da Guerra Fria, acontecimentos que foram acompanhados por um clima geral cultural e ideológico que não admitia nada além da admiração em massas, unificação e organizações de larga escala centralizadas. O renascimento das idéias libertárias, nos anos 60, de movimentos e formas de organização na Europa e nos EUA não tiveram quase nada há ver com o velho movimento, seu remanescente, ou grupos sócio-econômicos que anteriormente o haviam apoiado.

Teve muito que ver com uma nova geração de indivíduos conscientes, que tinham se tornado cônescios do fato de que na sociedade moderna a vida é dominada por grandes instituições que estão além do controle do indivíduo e que buscavam novas formas de estruturas organizacionais auto-controláveis e auto-dirigidas para serem usadas na luta pela mudança social e um modo de vida melhor.

AS FORÇAS SOCIAIS POR TRÁS DA MUDANÇA SOCIAL

1. A concepção do centro a respeito das forças por trás da mudança social

A Livre Empresa e o Marxismo

A antiga concepção liberal e a moderna concepção da livre empresa negam a existência de qualquer contradição fundamental ou antagonismo entre o centro e as áreas periféricas no processo de mudança social. Com o desenvolvimento do centro as áreas periféricas – como as classes trabalhadoras dentro do centro – adotariam e, a longo prazo, se beneficiariam com as mudanças sociais, partilhando dos lucros do centro. Esta era a filosofia por trás dos argumentos sobre os termos de comércio no mundo liberal. Ainda é a filosofia oficial do mundo ocidental, com sua fé no crescimento econômico. Estava atrás da “liberal e democrática” Aliança para o Progresso de Kennedy e está atrás da política brasileira de hoje. Seu ponto fraco é bem resumido na famosa observação de Keynes: “a longo prazo estaremos todos mortos”. Os pobres têm que pagar o preço do progresso.

Embora Marx e o marxismo pareçam estar muito longe das filosofias sobre mudança social acima descritas, os quadros de referência resultantes parecem assemelhar-se em muitos aspectos. Marx tinha uma concepção muito clara de mudança social. Tinha que ser revolucionária, pois acreditava no antagonismo fundamental entre as classes sociais. Marx concentrou sua atenção sobre um antagonismo: aquele entre os proprietários dos meios de produção numa sociedade capitalista privada e os proletários obrigados a vender seu trabalho aos capitalistas. Ele estava interessado apenas *naquela* relação centro – periferia mencionada no número D da minha classificação. E existem razões para se argumentar que esta relação não é absolutamente uma relação real entre periferia e centro. Do ponto de vista econômico – e a economia era o aspecto fundamental para Marx – os trabalhadores industriais fazem parte do centro e do sistema capitalista. De qualquer modo Marx não estava interessado em outros grupos e áreas periféricas que mencionei. Ele viu a miséria, a tragédia das áreas periféricas, mas viu-as como as *vítimas* de um *processo histórico* que avaliava como inevitável e positivo. Na sua opinião o papel social das áreas periféricas era um papel conservador e mesmo reacionário. Tinham que ser destruídas pelo centro e pelos capitalistas emergentes caso a sociedade quisesse entrar no reino do socialismo.

O marxismo mostra o mesmo desdém da burguesia liberal pelo Lumpemproletariado, pela luta e organização camponesa independente, pelo trabalhador manual independente e pelas culturas primitivas. Na concepção de Marx as únicas forças progressivas são a burguesia e o proletariado. Não há contradição entre este papel progressista concedido à burguesia e seu papel reacionário nas lutas de classes contra o proletariado. A burguesia representa uma força revolucionária no processo de construção da sociedade capitalista, uma força reacionária na luta do proletariado pelo socialismo – os coveiros, criados pelo próprio capitalismo. Sempre que o sistema central capitalista, no curso de seu crescimento, criava, atacava ou desorganizava áreas periféricas, Marx tomava o partido da “História”, da burguesia. Um exemplo esclarecedor é um artigo no jornal de Marx *Die Neue Rheinische Zeitung*, escrito por seu amigo F. Engels em 1849. Num ataque contra Bakunin, Engels fala sobre a ocupação (em 1847) da Califórnia pelos Estados Unidos. A ocupação era um ato indissimulado de imperialismo ianque dirigido contra o México, fato que Engels não negou, mas que a seus olhos não tinha importância. Para ele o importante era que conquistando a Califórnia aos “mexicanos preguiçosos”, os “enérgicos ianques” tinham agido no interesse da civilização, porque abriam a Califórnia e o Pacífico ao comércio mundial, explorariam os recursos naturais da área, etc.

Era apenas nos centros do capitalismo que o proletariado representava uma proporção grande da população e, por isto, Marx

esperava que a revolução tivesse lugar nos países mais altamente industrializados, como a Inglaterra e a Alemanha. A idéia de que poderiam ocorrer revoluções em áreas periféricas ao capitalismo e a concepção de "forças reativas, criando algo novo" eram completamente estranhas ao marxismo.

Os escritos do próprio Marx contêm elementos de uma abordagem menos dogmática do centro. Sua carta a Vera Zazulich em resposta a uma questão simples sobre o Mir, a comunidade camponesa russa, é famosa. Nela Marx admite que o Mir – um fator periférico no desenvolvimento capitalista russo – poderia tornar-se "um elemento de regeneração da sociedade russa, um elemento de superioridade sobre os países escravizados ao regime capitalista"²¹. É interessante que Marx tenha se preocupado com esta carta de 40 linhas; o rascunho tem novecentas. As doutrinas ideológicas dos partidos comunista e social-democratas não perceberam as hesitações científicas de seu mestre.

Em suas diretrizes políticas práticas os partidos socialistas e comunistas europeus seguiam outros princípios que não os teóricos e ideológicos. Sua resposta à questão colonial consistia numa disposição anti-capitalista geral, porque os povos colonizados eram explorados pelos mesmos senhores – capitalistas – que os trabalhadores europeus. Com o oportunismo crescente dos partidos europeus, a atitude anticolonialista passou a segundo plano.

A questão colonial como tal tem pouca relação com o nosso assunto, com exceção da colonização *política* mencionada sob a letra F de minha classificação. Tanto os comunistas como os socialistas aceitaram ansiosos e mesmo admiraram o novo nacionalismo orientado para o centro dos jovens estados independentes.

Confortados com a realidade dos movimentos periféricos os marxistas sempre foram obrigados a ajustar suas teorias.²² De acordo com o primeiro conceito, as revoluções da burguesia nacional contra o imperialismo, por virem primeiro na "agenda histórica", tinham que ser apoiadas por todas as forças progressistas. O segundo baseava-se no pressuposto que a burguesia nacional era muito fraca para conduzir sua "própria" revolução e que o proletariado e o "partido de vanguarda" tinham que desempenhar o papel principal desde o início. Basicamente havia pouca diferença entre os dois conceitos: segundo ambos as forças sociais por trás da mudança social são postas em movimento (initiated) pelo centro, não pelas áreas periféricas²³.

2. A concepção periférica sobre as forças por trás da mudança social

Anarquismo

A concepção anarquista das forças sociais por trás da mudança social é muito mais geral, bem menos franca, que a fórmula marxista. Diferentemente do marxismo, não concede um papel específico ao proletariado industrial. Nos escritos anarquistas encontra-

mos todos os tipos de trabalhadores e de pobres, todos os oprimidos, todos aqueles que de algum modo pertencem a grupos ou áreas periféricas e portanto são fatores potenciais na luta revolucionária pela mudança social.

Além disso o anarquismo sempre demonstrou um vívido interesse na organização social ou culturas primitivas (mencionadas na letra A da minha classificação das relações centro-periferia). Em seu *Auxílio Mútuo*, Kropotkin dedica um capítulo ao "Auxílio Mútuo entre os Selvagens" e Elisé Reclus (dedica) um livro intitulado: *Les Primitifs*²⁴. Os autores anarquistas sempre foram fascinados pelos escritos dos antropólogos culturais. Nos anos 60, durante a descolonização da África, a publicação mensal *Anarquia* publicou artigos comparando os trabalhos libertários de culturas africanas nativas autênticas e as estruturas - algumas vezes - libertárias das tribos nos Estados nacionalistas africanos emergentes, no autoritarismo da dominação colonial e o nacionalismo importado para a África pelos autoritários europeus²⁵ tradicionalmente.

Os *outsiders* da sociedade - os grupos marginais, os jovens, o Lúmpenproletariat, etc., mencionados nas letras C e E da classificação - sempre receberam a atenção simpática nos escritos anarquistas. É sabido que Bakunin apresentou o Lumpemproletariado e os intelectuais *déclassés* como forças revolucionárias e que sentia grande simpatia pela revolta dos camponeses de Razin e Pugachev. Sabe-se que a "população" desempenha um papel positivo nos estudos anarquistas sobre a história, tais como a história da revolução francesa de Kropotkin.

No anarquismo os fatores sócio-psicológicos são considerados autônomos e não subsidiários dos fatores econômicos e seu papel é valorizado, se julgarmos pela atenção dada nos escritos anarquistas aos jovens - juventude como tal, não proletários. O "Apelo aos Jovens" de Kropotkin, que talvez seja o folheto de propaganda mais freqüentemente traduzido e distribuído do movimento anarquista, é uma mensagem aos jovens de todas as classes.

O argumento mais importante relativo às forças por trás da mudança social foi formulado por Bakunin, quando criticou as idéias de Marx sobre o potencial-revolucionário do proletariado industrial no centro do capitalismo. Em sua polêmica com os marxistas Bakunin predisse que nos centros capitalistas - especialmente aqueles na Alemanha e na Inglaterra - a classe trabalhadora se afastaria da revolução socialista e viria a aceitar a sociedade burguesa, cujas atitudes, moral e pontos de vista básicos acabariam sendo aceitos e assumidos. Em relação a forças revolucionárias verdadeiras colocava suas esperanças nas áreas periféricas da Europa capitalista de sua época: a Itália, a Rússia, a Espanha.²⁶

Traduzida em termos atuais, a predição de Bakunin poderia ser formulada do seguinte modo: nos centros do sistema capitalista os trabalhadores procuram a mudança social dentro do sistema burguês e procuram beneficiar-se com os resultados do "crescimento" econômico e do consumo em expansão. Nas áreas (ainda) peri-

féricas da sociedade capitalista todas as classes pobres, que pagam por esta expansão capitalista e sofrem com ela sem se beneficiarem do processo de crescimento, procurarão formas revolucionárias de mudança social.

3. Algumas realidades por trás das teorias

Ao olhar organizações e movimentos históricos na Europa, não se pode deixar de observar a pouca congruência existente entre a prática e a teoria das forças sociais por trás da mudança social.

Os partidos marxistas nunca foram puramente proletários, nem tentaram sê-lo. Em muitos países conseguiram seguidores e eleitores entre a população agrária e todos os tipos de população urbana. Na propaganda marxista a palavra proletariado muito cedo passou a incluir todos os trabalhadores.

A orientação dos movimentos anarquistas e anarcosindicalistas em muitos países era principalmente industrial e urbana. No campo as pessoas que apoiavam as organizações anarquistas e sindicalistas eram pequenos camponeses e assalariados. O Lumpenproletariat nunca desempenhou um papel importante nestas organizações, o mesmo ocorrendo com outros grupos marginais.²⁷ Os intelectuais e os jovens eram atraídos para movimentos inteiramente diferentes. O exército de pessoas quase permanentemente desempregadas formava o grosso dos eleitores comunistas durante os últimos anos da República de Weimar na Alemanha. Em outros países os desempregados mostraram uma conduta eleitoral diferente. O fascismo encontrou aderentes entre muitos grupos periféricos. As classes trabalhadoras inglesas sempre apoiaram as concepções reformistas, não-marxistas e não-anarquistas do Partido Trabalhista, dos sindicatos, etc.

Examinemos agora as idéias marxistas e anarquistas sobre estratégia e a mentalidade que está por trás dela.

A ESTRATÉGIA DA MUDANÇA SOCIAL REVOLUCIONÁRIA

1. A organização da luta

Tanto os anarquistas como os marxistas sempre tiveram consciência da distância existente entre suas concepções sobre a estratégia a ser adotada na luta pela revolução e pela mudança social. Esta diferença foi a verdadeira causa subjacente à cisão na Primeira Internacional e ocorre repetidamente nas polêmicas entre as duas escolas do socialismo.

Quando aplicamos a terminologia centro-periferia a este antagonismo, os marxistas parecem aderir a política orientada para o centro, isto é, tentam criar um centro político para assumir o poder e usam os centros de organização e poder político existentes.²⁸

A perspectiva dos anarquistas é orientada para a periferia: procuram criar uma confederação de unidades básicas, auto-dirigidas que estão unidas por seus conceitos do objetivo último, a luta contra a ordem existente, a futura sociedade, a estratégia e a solidariedade. Todas as escolas de pensamento anarquista partilham esta concepção. Outra característica importante é que a organização da luta já contém os germes da futura sociedade libertária.

Muitas vezes se fala da luta anarquista e sindicalista como uma luta de guerrilha, enquanto os partidos social-democratas e comunistas europeus são comparados a exércitos regulares, disciplinados e hierárquicos, nos quais os líderes do partido preenchem os papéis de oficiais e os membros comuns do partido e seus seguidores têm o papel dos soldados. Neste contexto é interessante mencionar a observação de Geral/Brenan sobre o papel desempenhado pela guerrilha espanhola na luta contra os exércitos de Napoleão: por si só a guerrilha não poderia derrotar Napoleão e nem os exércitos de Wellington o poderiam; somente através dos esforços combinados dos guerrilheiros espanhóis e do exército britânico é que o exército francês poderia ser derrotado.

Enquanto a concepção marxista advogava o uso de instrumentos e formas de organização política criadas pela burguesia – partido, estado – os anarquistas argumentavam que o único resultado seria que o socialismo viria a ser dominado e vitimado – e não emancipado – por tais instrumentos. Profetizaram que surgiria uma nova classe dominante que reinaria através da coerção e que por fim, quase não haveria diferença alguma entre a opressão marxista e a burguesa.

Para os anarquistas não foi uma surpresa o fato de que, uma vez no poder, os marxistas e outros partidos de esquerda valeram-se da mesma filosofia básica relativa a mudança social e ao progresso que é encontrada entre os defensores do liberalismo e da livre empresa. Uma vez no poder estes revolucionários pregam que a mudança social e o progresso somente podem ser alcançados através da ordem e dos novos centros de poder: o partido, o estado e seus canais oficiais. E nunca por outros meios que não estes canais oficiais!

Assim como os defensores da sociedade capitalista, negam a existência de qualquer antagonismo fundamental entre os centros e as áreas periféricas; as áreas periféricas deveriam ser desenvolvidas pelo centro através da imitação do modelo do centro. O resultado tem sido que a exploração e a matança dos grupos periféricos tais como camponeses, que não se ajustam ao modelo de desenvolvimento do centro, raramente foram tão cruéis quanto na Rússia "socialista".

Novos sistemas centrais como os da Rússia e da Europa Oriental reagirão do mesmo modo e através dos mesmos mecanismos que os sistemas mais antigos reagiram quando confrontados com uma mudança social revolucionária iniciada por grupos periféricos em

suas sociedades: a manutenção da lei e da ordem, a opressão e a difamação. Em seus escritos históricos as revoluções e as revoltas sangrentas – como as que tiveram lugar depois da morte de Stalin – são reduzidas a “eventos” ou “advertências” mencionadas em notas de rodapé. A reorganização algumas vezes revolucionária da estrutura da vida econômica, social e política durante estes “eventos” é completamente ignorada. Um estudo comparativo da Comuna de Paris por exemplo, e da Revolução Húngara de 1956 do modo como é registrada na história comunista – e da linguagem usada pelos respectivos historiadores – deveria revelar similaridades interessantes.

Historiadores marxistas e burgueses tendem a adotar o mesmo quadro de referência em relação a história do anarquismo, aos movimentos anarquistas e as lutas revolucionárias, com a diferença que os historiadores burgueses são um pouco mais liberais em suas atitudes. O destino da revolução social na Guerra Civil Espanhola é sintomático: apenas muito recentemente os historiadores “liberais” mencionaram a revolução, um assunto que até então havia sido praticamente negligenciado na extensa literatura sobre a guerra. Os historiadores membros do partido comunista continuam com suas difamações sobre o assunto.

Além do desacordo entre anarquistas e socialistas políticos sobre a estratégia a ser seguida, há também uma diferença de opinião sobre a natureza do *campo de batalha*. Para os anarquistas o campo de batalha é a sociedade *como tal*; eles inclusive recusaram limitar-se exclusivamente ao setor sócio-econômico.

Os anarquistas têm sido ativistas em todos os tipos de movimentos que tentam libertar a sociedade existente de estruturas autoritárias, como o movimento de libertação da mulher, o antimilitarismo, o anticolonialismo, o livre pensamento, a educação livre e “escolas modernas”, a reforma penitenciária, direitos humanos, etc. Em diversos países as principais atividades anarquistas expostas nestes campos tinham a forma de “guerrilhas” contra todas as facetas da sociedade²¹. Nos movimentos marxistas a política sempre esteve em primeiro lugar. Os marxistas muitas vezes reprimiram lutas emancipatórias consideradas subordinadas ao interesse “mais amplo” do partido. Muitas vezes opunham-se à independência de movimentos que lutavam por uma causa específica.

O credo anarquista é “sociedade e não política”. Mas o que acontece se a política “da lei e da ordem” é substituída por uma política de regulamentação? Então a sociedade e a política não são mais questões separadas. Quando e onde isto aconteceu o anarquismo perdeu credibilidade.

2. Mentalidade e valores

Por trás das diferenças teóricas entre as escolas de pensamento anarquista e marxista existem diferenças de mentalidade e de valores. No anarquismo os valores humanos desempenham uma parte importante. A justiça, a liberdade, a liberação, a dignidade humana, o valor moral dos sacrifícios individuais, são considerados autônomos, válidos para todas as épocas. Aos olhos marxistas estes valores são sempre relacionados a uma ordem sócio-econômica específica. É por esta razão que acusam os anarquistas de absolutismo e falta de realismo histórico. No marxismo é fundamental a noção de "processo histórico", que alega que este processo e as forças por trás dele podem ser explicados cientificamente. Expressões como "necessidade histórica", "desenvolvimentos inevitáveis", "a história provou", etc aparecem freqüentemente na linguagem marxista. A fé marxista num "processo histórico" é tão absoluta quanto a fé anarquista nos valores humanos universais -. É bastante óbvio que estas concepções diferentes deveriam se refletir em idéias diferentes sobre o processo.

As realizações da economia da livre-empresa - a grande e eficiente corporação econômica e política do centro - não somente foram reconhecidas como necessidades pelos marxistas, também foram aprovadas e mesmo admiradas como os resultados do progresso humano. Marxistas e capitalistas partilham o mesmo quadro de referências em relação ao progresso e a mudança social, a mesma idéia - nosso caminho é o único aberto à humanidade - que reflete uma certa "arrogância do progresso." Chegamos mesmo a encontrar este quadro de referências "capitalista" em relação ao progresso entre marxistas que pretendem ter se libertado de todo o dogmatismo. Um bom exemplo é o livro de Paul M. Sweezy e Leo Huberman, os editores da *Monthly Review, Socialismo em Cuba*". O primeiro capítulo de *Socialismo em Cuba* chama-se "A Necessidade do Socialismo". Inicia-se com afirmações sobre o que deve ser feito por qualquer nação latino-americana que vise ao desenvolvimento. Estas afirmações foram tiradas da mensagem do Presidente Kennedy ao propor a Aliança para o Progresso e de um artigo do senador Mike Mansfield". Huberman e Sweezy fazem o seguinte comentário sobre Kennedy e Mansfield:

"Agora, o fato interessante sobre esta excelente receita para curar os males dos países latino-americanos, é que o remédio já era antigo e já havia sido recomendado por médicos competentes a anos atrás.(...) Mas o remédio nunca foi tomado - até que o governo revolucionário de Cuba assumiu o poder. Finalmente foram tomadas as medidas para fazer de Cuba uma nação sadia e não doente... O que o Senador Mansfield, O Banco Mundial, a Associação de Política Externa, o Departamento de Comércio e o Presidente Kennedy disseram que tinha que ser feito está sendo feito - na Cuba socialista."

Para mim, o aspecto interessante é que os dois marxistas concordam plenamente com o porta-voz do capitalismo moderno sobre o *remédio*, sobre o *caminho* para o progresso e a mudança social. A única diferença é que o socialismo faz o trabalho e o capitalismo não pode fazê-lo. Esta atitude não é de surpreender quando olhamos a definição de uma revolução socialista de Huberman e Sweezy:

“... isto é, onde foi derrubado o poder de estado da burguesia e de seus aliados internos e externos, estabeleceu-se um novo governo e um novo exército representando os interesses das classes exploradas, e todos ou a maior parte dos meios de produção foram transferidos do setor privado para o setor público”.

Esta definição não tem coisa alguma em comum com minha definição de anarquismo, nem com a idéia de conservar a identidade das áreas periféricas e de seus habitantes.

Para os anarquistas o socialismo e o progresso significam a libertação da sociedade existente, a liberdade para o homem *atual*. Para os marxistas a ênfase está na sociedade *futura*. Acho que uma das razões por que o anarquismo e os movimentos pré-políticos muitas vezes foram tachados de utópicos pode ser atribuída a esta crença numa nova sociedade do outro lado da colina. Na verdade, as utopias dos anarquistas andaluzes, dos zapatistas, etc, foram muito realistas. O que acontece é que os observadores intelectuais tendem a esquecer que o céu dos pobres é um céu muito modesto.

AS REALIDADES DA MUDANÇA REVOLUCIONÁRIA

1. Revoluções periféricas...

Quando se compara as expectativas sobre a mudança social fomentadas pelos capitalistas liberais, os marxistas e os anarquistas com a situação atual, não se encontra razão para congratular ninguém.

A livre empresa de fato mudou o mundo, mas para a grande maioria da população mundial não parece que tenha havido uma mudança para melhor, no sentido de que haja maior grau de bem-estar, maior liberdade ou dignidade humana.

Ao contrário do que Marx predisse, nunca ocorreram revoluções socialistas nos centros do capitalismo industrial. Em vez disso, em cada país capitalista que passava do estágio periférico para o de centro, os trabalhadores industriais integraram-se nas sociedades capitalistas e seus partidos e sindicatos que haviam sido revolucionários passaram a ser reformistas.

Os esforços anarquistas para incitar uma revolução social que deveria liberar a sociedade do estado e da autoridade não foram bem sucedidos e a idéia sindicalista sobre a greve geral demonstrou ser um fracasso. A revolução socialista de maior alcance e que foi

mais fortemente influenciada por idéias anarquistas, ou seja a revolução espanhola, terminou com a vitória de Franco.

Na revolução mexicana, o movimento de Zapata, com suas interessantes características periféricas e anarquistas, morreu depois da vitória de Carranza e da morte de Zapata. Outras revoluções havidas neste século terminaram com regimes autoritários e totalitários, impondo um controle estatal poderoso e a dominação da economia do país. Isto é geralmente chamado de socialismo, exceto pelos anarquistas. Entretanto, a concepção sociológica de revolução dos anarquistas, especialmente a predição de Bakunin sobre futuras revoluções nas áreas periféricas do capitalismo, provou ser muito mais realista do que o resultado dos estudos de Marx. Os principais levantes e revoluções sociais de nosso século ocorreram na Rússia (1905 e 1917), México, China, Espanha, Vietnam, Argélia, Cuba e outras áreas periféricas ao centro capitalista.

Dentro destes países periféricos foram os grupos sociais periféricos ao capitalismo, especialmente os camponeses e outros grupos mencionados na letra B da classificação, que desempenharam um papel revolucionário. Sua resistência foi resultado do fato de terem sofrido forte pressão e de terem sua existência ameaçada pelas forças centrais da modernização capitalista.

O centro da revolução zapatista foi Morelos, que naquele época era o cenário de uma forte expansão de orientação capitalista das propriedades (estates) açucareiras. Mas não foram os trabalhadores das propriedades açucareiras do setor capitalista – que se revoltaram; foi a população índia das antigas comunidades, cuja existência se via ameaçada pela expropriação capitalista de sua terra e pela violação de seus direitos, que tornou-se a força social por trás do movimento de Zapata. Enquanto os zapatistas estavam meramente defendendo seus direitos legais, foram atacados por *todas* as forças orientadas para o centro, conservadoras e liberais, “revolucionárias” e contra-revolucionárias, por Díaz e Huerta, por Madero e Carranza. Outros movimentos camponeses tiveram o mesmo destino.

O antropólogo cultural Gerrit Huizer, que durante muitos anos viveu em comunidades camponesas da América Latina, menciona os seguintes fatores que considera cruciais para a formação de grandes organizações camponesas:

- 1) Contato com forças modernizadoras, que para a maioria dos camponeses trouxe frustração e não melhoria em suas condições de vida e deixou-os à margem dos benefícios do desenvolvimento.
- 2) A consciência dos camponeses de seus interesses básicos e de suas queixas e da possibilidade de que possa haver uma ação unida para defender estes interesses.
- 3) Disponibilidade de líderes locais fortes e carismáticos.
- 4) Apoio dos aliados urbanos educados³⁶.

Estes fatores também se aplicam ao movimento anarquista na Andaluzia, ao movimento anarquista Makhno e ao sindicalismo revolucionário.

Parecem do mesmo modo aplicar-se as grandes revoluções na Ásia e na África. No Vietnã, a provinciana e tradicional Hanói foi a capital revolucionária e não Saigão, onde a modernização capitalista levara à proletarização dos operários das fábricas.

Os "triumfos periféricos" na China e na Argélia são bem conhecidos.

Não são apenas as forças sociais por trás destas revoluções que são anarquistas, é acima de tudo sua "face" que é tão tipicamente anarquista: a criação de muitas formas de organização social auto-dirigidas, autocontroladas e orientadas para a periferia, como os soviets na Rússia, as coletivizações na Espanha, a democracia direta nas vilas de Morelos, a auto-gestão na Argélia, a autonomia nas vilas Vietnamitas, etc.

Nas lutas revolucionárias as atividades guerrilheiras desempenharam muitas vezes um papel importante e mesmo decisivo.

Em todas estas diferentes revoluções encontramos a "criação de algo novo no processo de reação". As estruturas recém-emergentes da democracia direta apresentam uma alternativa e um desafio às concepções normais – i.é. orientadas para o centro – de progresso mantidas pela burguesia e pelos marxistas.

2. ... conquistadas por marxistas e centristas

Se a perspectiva anarquista das revoluções nas áreas periféricas é tão mais realista do que a perspectiva marxista, pode-se muito bem perguntar porque, apesar disto, tantos partidos comunistas obtiveram tanto êxito em ganhar o poder durante revoluções.

Minha primeira observação em relação a isto é que apenas os marxistas *heréticos* – numa "agoniada reavaliação" de muitos conceitos marxistas – conseguiram isto. O próprio Marx fez uma reavaliação de suas idéias depois da confrontação com as realidades da Comuna de Paris. O seu *A Guerra Civil na França* é muitas vezes citado por marxistas libertários.

Lenin fornece o exemplo mais surpreendente de um ajustamento deste tipo. Entre a Primeira e a Segunda Revolução Russa (fev. – out. 1917) sua análise da situação e as conclusões que tirou dela estavam em total contradição com a política e a teoria até então seguidas por seu partido e por ele próprio. Permanece famosa uma exclamação de uma testemunha ocular marxista ortodoxa em reação às "Teses de Abril" formuladas por Lenin a seus atônitos seguidores no dia de sua chegada à revolucionária Petrogrado: "Lenin tornou-se candidato a um trono europeu que estava vago há trinta anos – o trono de Bakunin. As palavras de Lenin fazem ressoar alguma coisa antiga – as verdades obsoletas do anarquismo primitivo". *Estado e Revolução* é outro resultado desta nova posição he-

rética e "anarquista" adotada por Lenin. Contudo, uma vez no poder a prática de Lênin ou dos bochevistas não teve relação alguma com a teoria de *Estado e Revolução*.

Os comunistas chineses e vietnamitas organizaram a luta numa base periférica. Sua política tinha muito pouco em comum com as análises e pontos de vista de centro (Moscou). Os escritos de Mao Tse-Tung sobre a luta revolucionária chegam mesmo a ter observações sobre bandoleiros sociais e "pessoas sem reputação", reminiscências das idéias de Bakunin³⁶.

No livro clássico de Façon sobre a revolução argelina e outras revoluções anticolonialistas, "Les Dammés de la Terre", que é baseado na realidade da luta, a atenção do autor centra-se inteiramente nas áreas periféricas e no povo periférico.

Uma segunda observação é que numa realidade histórica, uma luta orientada pela periferia, que pode ter importantes sucessos emancipatórios, ocorre *junto com* uma nova estrutura de poder com orientação para o centro, dotada de seu partido, exército e estado. Na luta contra a velha ordem, as duas forças aderem e tornam-se fortemente unidas. Uma vez obtida a vitória sobre os velhos inimigos - colonialistas estrangeiros, opressores nacionais, ou ambos, os novos sistemas centrais restauram as relações centro-periféricas. Isto está em total acordo com as concepções marxista, nacionalista e esquerdista de que a mudança social tem que ser dirigida a partir do centro. Em seguida, o centro destrói as novas estruturas periféricas e órgãos auto-controladores que surgiram como resultado da luta contra a antiga ordem. O destino dos soviets russo e da auto-gestão argeliana são bons exemplos de um desenvolvimento deste gênero³⁷.

Uma terceira observação é que as revoluções sociais de nosso século são invariavelmente acompanhadas de guerra e outras formas de violência organizada. Embora os socialistas do século XIX não tivessem antecipado revoluções sem violência, acreditavam que qualquer violência deste gênero seria de caráter espontâneo e meramente uma questão de dias, talvez de horas. Afinal, fora assim que aconteceu em 1830, 1848 e nos dias da proclamação da Comuna de Paris.

Muitos pensadores anarquistas não eram demasiado otimistas acerca dos resultados das revoluções nascidas da guerra e da ditadura³⁸. A terrível violência por períodos prolongados de tempo, que é característico das lutas revolucionárias do século XX, invariavelmente fortaleceu a posição do novo centro em emergência. Atualmente a revolução e a violência parecem ter se tornado inseparáveis.

Um fenômeno digno de nota é que a violência revolucionária pode assumir uma forma anarquista nas áreas periféricas: a guerrilha. Embora na última década tenham se escrito bibliotecas inteiras sobre a guerrilha, acredito que poderia ser útil dizer alguma coisa sobre ela em conexão com as relações centro-periféricas.

A guerrilha

A palavra espanhola *guerrilla* significa "guerra pequena", mas é muitas vezes traduzida como "guerra popular". A guerrilha combina em si esses dois aspectos. Uma boa definição de "guerra popular" – guerrilha – é: guerra total em pequena escala, conduzida por toda a população, ou por amplas seções desta, na qual as pessoas participantes mantêm seu trabalho e sua vida diária tanto quanto possível. Esta guerrilha – a meu ver a *verdadeira* – é completamente orientada para a periferia e utiliza todos os elementos específicos da região. Seu objetivo é destruir o controle do centro sobre as áreas periféricas através da eliminação de relações de poder (econômicas, políticas e sociais) que até então ligaram a região ao centro. A destruição da relação centro-periferia ocorre juntamente com a emergência de uma sociedade igualitária baseada na identidade da área. É criada pelos habitantes da área que tomaram seu destino em suas próprias mãos. Minha concepção de uma "verdadeira" guerrilha, implica na idéia de que o guerrilheiro "profissional", que deixou de viver sua vida normal, não pertence a ela. O Exército Vermelho chinês em sua Longa Marcha na década de trinta, as colunas de Fidel Castro na Sierra Maestra, o grupo boliviano de Che Guevara, não pertencem à verdadeira guerrilha. Representam o núcleo de um novo exército, o *foco* – para usar a palavra freqüentemente utilizada na década de 60 – uma nova estrutura militar normal orientada para poder.⁴² Todos eles desempenharam o mesmo papel que os exércitos de Wellington desempenharam na Guerra da Península.

Entretanto, não são muito claros os limites entre a guerrilha profissional e a verdadeira e os laços entre elas são muito fortes. O *foco* vive quase nas mesmas condições e na mesma área que o povo; seus contatos na luta conjunta contra o inimigo comum são muito estreitos e harmônicos. A observação de Brenan sobre a necessidade da ação conjunta entre o exército e a guerrilha provaram ser corretos para este tipo de luta. Os resultados têm sido grandes vitórias.

Entretanto, a reformulação subsequente da sociedade é um assunto completamente diferente.

É digno de nota que regimes que subiram ao poder depois de uma guerra de guerrilhas – na China, Vietnam, Iugoslávia, Cuba, Guiné-Bissau – dão muito mais espaço em suas concepções sobre mudança social ao desenvolvimento orientado para a periferia, pelo menos enquanto a lembrança da luta guerrilheira permanece viva.⁴³ Procuram evitar o exemplo russo de dominação completa e moldagem pelo centro. Tais regimes e ideologias muitas vezes mostram sinais de forte tensão interna, assim como os corações e as mentes dos novos homens no poder, os antigos líderes guerrilheiros. Tais tensões refletem duas tendências contraditórias: direção autoritária das áreas periféricas ou sua autonomia. A harmonia que costumava existir entre estas tendências na época das guerrilhas transformou-se em conflito. Esta tensão é exemplificada pelas súbi-

tas mudanças na política social chinesa: o Grande Salto Para Frente, o período das cem flores, a Revolução Cultural. A preocupação cubana para conservar a mentalidade de Sierra Maestra é outro exemplo. A longo prazo a dominação pelo centro somente pode ser eliminada por movimentos revolucionários verdadeiramente autônomos, i.é. operando de fora do centro.

CONCLUSÕES

Já se escreveu muito sobre o destino dos movimentos pré-políticos em áreas periféricas. As pessoas envolvidas fizeram grandes sacrifícios no decorrer das muitas batalhas heróicas que lutaram, batalhas que mudaram a face da terra. Contudo, os ideais pré-políticos, tal como definidos por Makhnovtsy – “tomar nosso destino em nossas próprias mãos e conduzir nossas vidas de acordo com a nossa vontade e as nossas concepções de verdade” – até agora nunca foram realizados. A única coisa que mudou foi a atitude dos centros mundiais em relação a estes movimentos. A “arrogância do progresso” do centro em relação às áreas periféricas, dos partidos políticos em relação as formas de organização “pré-políticas” não está destruída, mas *está* abalada. Há uma consciência crescente – pelo menos entre os cientistas sociais – que as pessoas vindas dos centros urbanos têm tanto a aprender nas áreas periféricas quanto a ensinar. A mudança social devia conservar e utilizar a identidade das áreas periféricas. A mudança social que destrói-esta identidade tem produzido e sempre produzirá efeitos desastrosos para as pessoas que habitam estas áreas.

O centro continuará sendo importante para os movimentos e as áreas periféricas. Seu principal problema tem sido e continua a ser: como confrontar as dificuldades que surgem do fato do sistema central ter sempre uma escala muito maior – muitas vezes mundial. As pessoas orientadas para o centro tem uma identidade e um passado (background) comum, os movimentos periféricos possuem sempre backgrounds diferentes, identidades específicas; têm que *criar* um quadro de referência próprio no qual possam trabalhar juntos.

As pessoas com background urbano sempre desempenharam um papel importante nos movimentos periféricos, especialmente como porta-vozes destes movimentos, como escritores de ideologias e programas práticos e como professores. Exemplifico com a posição de Palafox e Diaz Soto y Gama no movimento Zapata e com o papel desempenhado por Arshinov e Volin no movimento Makhno. A ideologia anarquista – criação de intelectuais urbanos fora da Espanha – deu ao movimento espanhol um conjunto de idéias e um quadro de referência organizacional que lhes permitiu encontrar – através de tentativas e erros – modos e meios de tratar com problemas de escala.

Uma condição para este tipo de ajuda pelo centro sempre foi a modéstia, isto é, uma completa falta de sentimentos de superioridade em relação aos movimentos periféricos. A chave para o sucesso anarquista foi que o anarquismo não fez distinção entre centros e áreas periféricas, entre vanguardas e massas. A luta interna dentro do centro contra a arrogância do poder e do progresso e contra as estruturas autoritárias sem dúvida promoverá a emancipação das áreas periféricas.

Na década de 60 o antigo centro – as sociedades do Atlântico Norte – tornaram-se o cenário de novos “movimentos pré-políticos” que emergiam dentro da sociedade existente. Este movimento desenvolveu formas de luta e organização, uma mentalidade e uma atitude que são reminiscentes dos movimentos pré-políticos e algumas vezes, do anarquismo. Estou inclinado a chamá-los de movimentos pós-políticos. Embora tenha dado um novo ímpeto ao anarquismo, difere em muitos aspectos do velho anarquismo e dos movimentos pré-políticos. Os membros da *New Left* pertencem principalmente à categoria mencionada sob a letra E de minha classificação. O movimento nasceu *dentro* do centro. Criou uma área periférica – a contra-cultura – através de uma escolha deliberada de indivíduos que preferiram “cair fora” da sociedade afluyente. Eles não *defenderam* sua identidade, seu direito de conduzir suas próprias vidas, eles *criaram* uma identidade nova, novas maneiras de viver e ao fazer isso *atacam* os valores de centro da sociedade existente.

Os novos elementos (people) “periféricos” podem enfrentar o centro numa base de maior igualdade do que as antigas áreas periféricas. Possuem um conhecimento e uma compreensão muito maior do centro. Mas também podem facilmente voltar a uma posição central porque lhes falta a coerência e a resistência características dos velhos movimentos. Assim, a onda libertária dos anos sessenta, uma guerrilha dirigida contra a ordem e a cultura existentes, já perdera muito de sua força e de seu conteúdo antiautoritário no começo dos anos setenta. Mas os movimentos libertários sempre conheceram grandes altos e baixos. Atualmente as idéias por trás da concepção anarquista – tomar o destino nas próprias mãos, pequenas unidades autodirigidas – já não são mais consideradas típicas de “movimentos pré-políticos em áreas periféricas.” São típicos da sociedade moderna e são relevantes para os grandes problemas da nossa época.



UM ESTADO MARXISTA

MICHAEL BAKUNIN
(in *Obras*, v. IV, 1910)



Para o Estado é natural destruir a solidariedade da espécie humana e dessa forma negar a humanidade. O Estado só consegue manter-se forte e íntegro surgindo para seus próprios cidadãos (ou, usando uma linguagem mais brutal, para os seus súditos) como o fim supremo e absoluto. Isto leva, inevitavelmente, ao aparecimento de uma moral e de razões "de Estado", a um rompimento com a moral e a razão humanas em suas manifestações universais. O conceito de moral política do Estado é muito simples: sendo o Estado o objetivo supremo, tudo o que possa contribuir para o aumento dos seus poderes é bom e tudo que se opuser a este objetivo, mesmo que seja a melhor das causas, é mau. A isto se dá o nome de patriotismo. A Internacional é a negação do patriotismo e, conseqüentemente, é a negação do Estado. Segue-se que, se Marx e seus amigos do Partido Democrático Alemão conseguissem introduzir o conceito de Estado em nosso programa, acabariam com a Internacional.

Para manter-se, o Estado deve ser necessariamente poderoso externamente mas, se é assim em suas relações com o mundo, certamente também deverá sê-lo no plano interno. Todo o Estado deve ser inspirado e



orientado por uma moral especial, adaptada às condições particulares de sua existência, uma moral que é a negação de toda a ética humana e universal. E o Estado deve assegurar-se de que todos os seus súditos são inspirados — em pensamentos e, sobretudo, em atos — apenas pelos princípios dessa moral patriótica e particular, permanecendo surdos aos ensinamentos da moral puramente humana ou universal. Daí a necessidade da criação de uma censura oficial, já que demasiada liberdade de pensamento e opinião — como acredita Marx com boas razões, se aceitarmos seu ponto de vista eminentemente político — é incompatível com a concordância unânime às exigências da segurança do Estado. Que esta é realmente a opinião de Marx fica suficientemente provado pelas tentativas que fez de introduzir — sob pretextos plausíveis — uma forma velada de censura na Internacional. Entretanto, por mais vigilante que possa ser a censura, e mesmo quando o governo toma a seu cargo toda a educação e a instrução do povo, como deseja Mazzini e como Marx também quer, o Estado jamais pode estar seguro de que pensamentos proibidos e perigosos não se insinuaram, como perigoso contrabando, na consciência dos indivíduos que governa. O fruto do demônio é tão atraente para os homens e o demônio da revolta — essa eterna inimiga do Estado — pode ser tão facilmente despertado nos seus corações quando estes não foram suficientemente embrutecidos, que nem a educação, nem mesmo a censura podem garantir efetivamente a tranquilidade do Estado. Ele necessita de uma polícia integrada por agentes dedicados, encarregados de supervisionar e dirigir, discretamente e em segredo, as opiniões e paixões populares. Já vimos que o próprio Marx está tão convencido desta necessidade que julgou necessário infiltrar seus agentes secretos em todas as regiões da Internacional, sobretudo na Itália, na França e na Espanha.

Entretanto, por mais perfeita que possa ser, do ponto de vista da segurança do Estado, a organização de ensino do povo, da polícia e dos serviços de censura, o Estado nunca pode estar totalmente seguro de sua sobrevivência, a menos que disponha de forças armadas para defendê-lo dos inimigos internos.

O Estado é um sistema de governo de cima para baixo em que uma minoria comanda uma imensa massa de homens das mais variadas classes sociais, ocupações, interesses e aspirações. A minoria dominante, mesmo que tivesse sido eleita um milhão de vezes por sufrágio universal e tivesse todos os seus atos supervisionados por instituições populares, ainda assim não poderia de forma alguma — a menos que fosse dotada de onisciência, onipresença e onipotência que os teólogos atribuem a Deus — entender e

antecipar as necessidades ou satisfazer com igual justiça os interesses legítimos e imediatos de todos. Sempre haverá descontentes porque sempre haverá aqueles que são sacrificados.

Seja como for, tal como a Igreja, o Estado é, por sua própria natureza, um grande sacrificador de homens. Ele próprio é um ser arbitrário, que centraliza todos os interesses positivos, vivos e individuais do povo, que lutam e se destroem uns aos outros para que sejam absorvidos por essa abstração que se chama Interesse Comum, o bem público, a segurança pública; e onde todas as vontades individuais se anulam umas às outras formando aquela outra abstração que é chamada de "vontade popular". Na verdade, essa assim chamada "vontade popular" não é outra coisa senão o sacrifício e a negação de todas as verdadeiras aspirações individuais. Da mesma forma que o assim chamado "bem comum" é simplesmente o sacrifício dos interesses individuais. Mas para que tal abstração onívora possa ser imposta a milhões de homens, ela deve ser representada e apoiada por um ser real, por uma força viva. E este ser, essa força sempre foi representada na Igreja pelo clero e no Estado, pela classe dominante. Entretanto, no Estado popular do Sr. Marx, segundo nos dizem, não haverá nenhuma classe privilegiada. Todas serão iguais, não apenas sob o ponto de vista jurídico e político mas quanto ao ponto de vista econômico. Pelo menos essa é a promessa que nos fazem, embora eu duvide que ela venha a ser cumprida. Talvez já não haja mais uma classe privilegiada como tal, mas haverá um governo e, deixem-me enfatizá-lo, um governo extremamente complexo, que não se contentará em governar e conduzir as massas politicamente, como fazem agora todos os governos, mas passará a orientá-las também economicamente, concentrando em suas mãos a produção e a "justa divisão da riqueza, da agricultura, da criação e desenvolvimento das fábricas, a organização e exploração do comércio e, sobretudo, a aplicação do capital para a produção, que será feita por um único banqueiro — o Estado". Tudo isso tornará necessário um imenso desenvolvimento da ciência e a presença no governo de muitas "cabeças pensantes". Será o reinado da "inteligência científica", o mais aristocrático, despótico, arrogante e desdenhoso de todos os regimes. Haverá uma nova classe, uma nova hierarquia de verdadeiros e pretensos sábios e o mundo ficará dividido entre uma minoria que governará em nome da ciência e uma enorme maioria ignorante. Então essa massa ignorante que tome cuidado!

Um tal regime não poderá deixar de despertar um formidável descontentamento entre as massas e para contê-las, o esclarecido e liberado go-

BERLIN : 1953

POZNAM : 1956

HONGRIE : 1956



PRAGUE : 1968

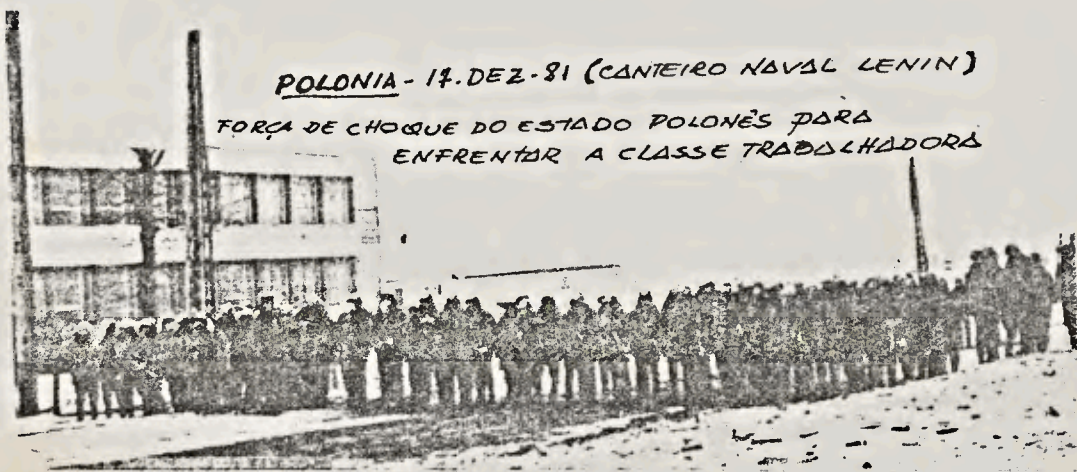
POLOGNE : 1970-1976

verno do Sr. Marx precisará de um exército não menos formidável. Pois, como diz o Sr. Engels, o governo precisa ser forte para manter a ordem entre os milhões de ignorantes cujo levante brutal seria capaz de destruir e derrubar qualquer coisa, até mesmo um governo dirigido por "cabeças pensantes". Podemos ver como sob todas as frases democráticas e socialistas do programa do Sr. Marx sobreviveriam no estado por ele criado as características cruéis e despóticas de todos os Estados, seja qual for a forma de governo de que se utilizam e que, em última análise, o Estado do Povo tão entusiasticamente recomendado pelo Sr. Marx e o Estado aristocrático-monárquico mantido com tanta habilidade e poder pelo Sr. Bismarck são completamente idênticos tanto nas suas metas internas, quanto nas externas.

Do ponto de vista externo, há a mesma exibição de poder militar, que significa conquista e, internamente, o mesmo emprego de forças armadas, último argumento de todos os poderes políticos ameaçados contra as massas, que cansadas de sempre acreditar, esperar, aceitar e obedecer, levantam-se em revolta.

POLONIA - 17. DEZ. 81 (CANTEIRO NAVAL LENIN)

FORÇA DE CHOQUE DO ESTADO POLONÊS PARA ENFRENTAR A CLASSE TRABALHADORA





O AMOR LIVRE

"Paris, 29 de março de 1845"

... "sou eu mesmo, como antes, inimigo declarado da realidade existente, apenas com uma diferença: cessei de ser teórico, venci enfim, a metafísica e a filosofia e entreguei-me inteiramente, com toda minha alma ao mundo prático, ao mundo dos fatos reais. Creia-me amigo, a vida é bela, agora tenho pleno direito de dizer-lhe isto, porque cessei há muito de enxergá-la através das construções teóricas e, não conhecê-la mais que em fantasia, porque experimentei efetivamente, muitas de suas amarguras; já sofri muito e cai no desespero.

Eu amo Pablo, amo apaixonadamente. Não sei se posso ser amado como quisera sê-lo, mas não desespere, sei ao menos que ela tem muita simpatia por mim - devo e quero merecer o amor daquela a quem amo, amando-a religiosamente. Ela encontra-se submetida a mais terrível e a mais infame escravidão e devo libertá-la combatendo seus opressores acendendo em seu coração o sentimento de sua própria dignidade - suscitando-lhe o amor e a necessidade de ser livre - os instintos de rebeldia e de independência, devolvendo-lhe o sentido de sua força e de seus direitos.

Amar é querer a liberdade, a completa independência do outro. O primeiro ato do verdadeiro amor é a emancipação completa do objeto que se ama. Não se pode amar verdadeiramente mais que a um ser perfeitamente livre independente, não apenas de todos os demais, senão e sobretudo daquele a quem se ama e é amado.

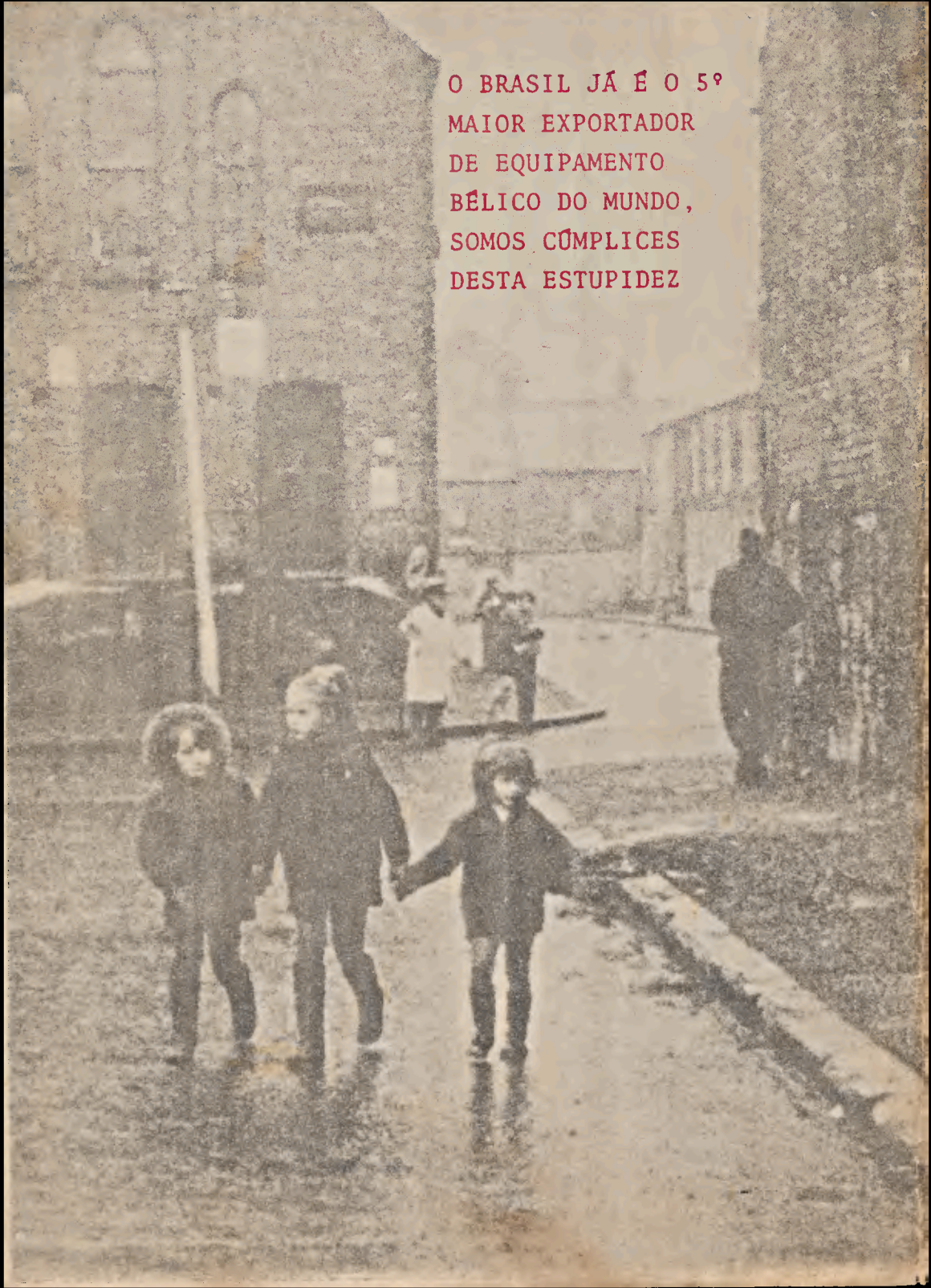
Eis a minha profissão de fé política, social e religiosa, eis o sentido íntimo, não apenas dos meus atos e de minhas tendências políticas, senão também, na medida do possível, o da minha existência particular e individual, porque o tempo em que poderiam ser separados esses dois gêneros de ação está muito distante de nós. Agora, o homem quer a liberdade em todas as acepções e em todas as aplicações desta palavra, ou bem não a quer de nenhuma maneira. Querer ao amar a dependência daquele a quem se ama é amar uma coisa e não um ser humano, porque não se distingue o ser humano de uma coisa mais que pela liberdade e, se o amor implicasse também na dependência, seria a coisa mais perigosa e a mais infame do mundo, porque seria então uma fonte inesgotável de escravidão e de embrutecimento para a humanidade. Tudo que emancipa os homens, tudo que ao fazê-los voltar a si mesmos, suscita-lhes o princípio de sua própria vida, de sua atividade original e realmente independente, tudo que lhes dá força para serem eles mesmos é verdadeiro, todo o resto é falso, liberticida, absurdo. Emancipar o homem, eis a única influência legítima e benéfica.

Abaixo todos os dogmas e filosofias - não são mais que mentiras - a verdade não é uma teoria senão um fato. A vida mesma é a comunidade de homens livres, independentes. É a santa unidade do amor que brota das profundezas misteriosas e infinitas da liberdade individual".

(M. Bakunin)







O BRASIL JÁ É O 5º
MAIOR EXPORTADOR
DE EQUIPAMENTO
BÉLICO DO MUNDO,
SOMOS CÚMPLICES
DESTA ESTUPIDEZ